

TEXTUALIZANDO EXPERIÊNCIAS DE UM APRENDIZ EDUCADOR ¹

Marcel Silveira Barbosa ²

Roselane Zordan Costella ³

Resumo

A caminhada de um professor compreende um conjunto de experiências que o torna um constante pesquisador. A relação entre a pesquisa e a docência é muito íntima e se faz presente num conjunto de práticas acompanhadas por referenciais teóricos. Esta relação é um dos focos deste trabalho de conclusão de curso. Com isso, é realizado um fechamento de curso graduação através do presente artigo, de maneira que haja conexão com a profissão, ou seja, enquanto 'eu aluno universitário' e 'eu como futuro professor' do ensino básico, mostrando as ambiguidades entre os diferentes níveis de estudos. Este artigo também propõe a reflexão das propostas trabalhadas nos estágios docentes que elucidaram minha prática pedagógica de ensinar Geografia.

Palavras-chave: Ensino, Geografia, Prática docente, Eu universitário / Eu professor.

Abstract

The path of a teacher includes a set of experiences that makes him a constant researcher. The relationship between research and teaching is very intimate and is present in a set of practices accompanied by theoretical references. This relationship is the spotlight of this course conclusion work. With that, is made an end of course of graduation through this article, so that the profession has a connection, that is, in relation to "I like college student" and "me as a future teacher" of basic studies showing the ambiguities between different levels of education. This article also propose the reflection of the proposals developed in teaching practices that elucidated my pedagogical practice of teaching Geography.

Keywords: Education, Geography, Teaching Practice, I university / I teacher.

¹ Artigo desenvolvido para ser apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Licenciando em Geografia – alohamarcel@hotmail.com

³ Orientadora e professora de Estágio de Docência em Geografia II – Ensino médio – ro.paulo@terra.com.br

1. Por que a necessidade de relatar as experiências de um professor aprendiz?

Antes de responder a pergunta, penso ser interessante começar por outra pergunta: O que constitui um bom professor de Geografia? Em toda a caminhada acadêmica sempre se pensa que o bom professor é aquele que desenvolve de uma maneira diferente o conteúdo com os alunos, mas acredita-se que vai além desta ideia.

Perante a isso, é importante trazer a referência de Silva (2011), para abordarmos e discutirmos um pouco mais sobre esta questão:

“A questão pedagógica, por sua vez, não se limita a aspectos de instrumentação do ensino por meio de técnicas específicas (didática). Trata-se, na verdade de trazer as questões e particularidades relativas aos conteúdos para dentro da discussão e, assim, as técnicas e os conteúdos específicos transformar-se-ão em meio, e não em pontos de chegada.” (SILVA, 2011, p.28)

Esta reflexão é fundamental para pensar a Geografia, pois o conteúdo é apenas um meio e não um fim. Fazer com que o aluno entenda o seu lugar para posteriormente ampliar suas relações, representa o conteúdo em si. O professor de Geografia de ter esta prática de trazer para a sala de aula questões e particularidades relativas ao cotidiano do aluno, transformando-o em meio de aprendizagem, utilizando a própria vivência do discente para exemplificar o que é trabalhado nas aulas.

O lugar, referido neste contexto, representa uma continuidade do próprio aluno, assim busco em Milton Santos (2012) este conceito, como sendo “uma das possibilidades de interpretação do espaço vivido” tendo assim, relação direta com o cotidiano. Ou seja, o lugar, como ponto de partida para estabelecer relações com a Geografia escolar e alunos, reformulando as antigas aulas tradicionais de Geografia em que muitas vezes ainda são dadas nas escolas. Lembro que é a partir desta concepção que compreende-se a a importância enquanto conceito para o ensino da Geografia escolar.

Na citação a seguir, é reforçada a ideia da importância de ler o lugar do aluno para aprender e ensinar Geografia:

“A Geografia é um desses negócios chatos que inventaram para ser a palmatória intelectual das crianças. Não dá prazer nenhum brincar de ser recipiente de nomes difíceis e ainda ter que repetir tudo certinho na hora das provas. A tortura geográfica, comum na maioria das escolas, é um exercício constante de ver um mundo de coisas, decorar o máximo e não aprender nada. [...] Ao invés de sentar para ouvir assuntos estranhos à sua vida, talvez a criança preferisse conversar sobre sua casa com aqueles terríveis conflitos do espaço ou sobre o bairro com suas ruas plenas de lembranças, ou da cidade com os seus atrativos e desafios. A infância para passear é uma reivindicação permanente, um outdoor estampado na testa de milhares de meninas e meninos. [...] A Geografia que se aprende na escola, aparentemente inútil, tem uma utilidade ímpar porque produz uma enorme massa de alienados. As pessoas não sabem que o espaço em que vivem tem um sentido que não aparece, porque detrás dos objetos sem história há histórias que desconhecemos. (SOUZA NETO, 2008, p. 35)

Em fim, como mostra Souza Neto, em uma pequena crônica chamada: *Das coisas sem serventia uma delas é a Geografia*, trazer o lugar em que vivem os alunos como exemplo, é uma proposta significativa para realizarmos uma boa Geografia escolar e buscar o êxito no processo de aprendizagem. Isto acaba tornando-se o ponto crucial e um dos saberes que constitui um bom professor.

É neste momento que considero importante relatar as minhas experiências, transformando-as em um meio de aprendizagem tanto para mim, no sentido de reflexão das práticas, quanto para todos aqueles que lerão este artigo, aberto para a possibilidade de críticas.

A leitura deste artigo aproximará o leitor com os contextos acadêmicos e de experiências de um professor aprendiz, conluente do Curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Saliento que este trabalho é, de certa forma, um relato das práticas em sala de aula, tanto no Ensino Fundamental, ocorrido na Escola Estadual de 1º Grau Leopolda Barnewitz no sexto ano, quanto para duas turmas de segundo ano do Ensino Médio do C.E.F.P. General Flores da Cunha. Assim, coloco em foco o que me chamou mais a atenção nesta pequena trajetória como professor de Geografia e no constante movimento de aprender.

Respondendo a questão referida na abertura deste texto: Considero importante o relato de práticas e a análise das mesmas para que possamos diversificar as aulas e socializar experiências a outros futuros docentes. Assim, contar como foram os primeiros passos nas aulas, na medida em que o conteúdo foi construído com significado, é sem sombras de dúvida uma significativa tarefa nas práticas de ensino.

2. Reflexões sobre a minha “primeira vez” – Ensino Fundamental

Na caminhada como aluno de licenciatura em Geografia sempre imaginei a prática de ensinar como algo inovador, diferente do dito tradicional, onde os alunos ouviam e os professores falavam. Preparei-me por anos, para chegar em frente aos alunos com ‘tudo’ e trabalhar os conteúdos de uma maneira empolgante e diferente, evitando somente escrever no quadro para os alunos copiarem. No entanto, não foi isso que constatei na prática. É muito difícil trabalhar algo diferente com os alunos, pois eles já estão acostumados à maneira tradicional de ensinar. Sair desta zona de conforto é muito difícil, principalmente para os alunos da antiga quinta série, onde muitos apresentam uma maneira infantil de ser.

Utilizei diferentes práticas no ensino fundamental para testar distintas maneiras de trabalhar com o aluno, desde uma aula de característica tradicional, onde escrevi bastante no quadro, até uma aula diferenciada onde os alunos eram protagonizantes no processo de aprendizagem. As aulas, tanto de cunho mais “tradicional”, quanto diferenciadas tiveram um bom resultado, pois em ambos os métodos de ensino-aprendizagem houve a participação dos alunos articulando ao que estava sendo trabalhado no quadro, indagando os jovens e construindo o conhecimento em grande grupo, tornando a aula mais interessante e com um distanciamento do ensino tradicional e convencional.

Uma aula tradicional, referida neste artigo, refere-se a uma atividade onde o professor com o domínio do conteúdo, literalmente conta o que sabe e não permite que o aluno desenvolva a autonomia e o poder de criação e construção de conhecimento. Como exemplo podemos citar uma aula em que

o ponto mais importante é um determinado texto, e a partir daí, o aluno ouve o professor, lê o textos e responde as perguntas retirados do próprio.

A prática de ensino nos leva a refletir sobre diferentes experiências. Diante de uma turma de 5ª série compreendi que a forma como deveria ensinar era muito diferente da forma como aprendi na universidade e isso foi o grande desafio. Alunos menores exigem mais dinamicidade e mais leveza no trato com o conteúdo, assim como um maior entendimento da aplicabilidade prática do mesmo. Cativar esses alunos e tratar do conteúdo de Geografia partindo do mundo deles foi o que me fez pensar de forma diferente de 'como ensinar' e 'como aprender'. A formalidade acadêmica acaba sendo deixada de lado junto a esses alunos de 11 anos.

Vejo que a melhor forma para o professor conseguir colocar em prática o processo do ensinar e do aprender é não focar somente em conteúdos geográficos, mas sim propor atividades que propiciem a busca de sujeitos responsáveis e conscientes do mundo em que vivem. Assim, na proximidade conjunta 'professor-aluno' faz-se necessário ter mais que uma relação fria de estudante e professor. Não que o professor deva intrometer-se na vida de seus alunos, mas sim tentar cativá-los a partir do afeto a fim de desenvolver gosto pelos estudos, compreendendo a importância da Geografia.

Por meio de um relato de um aluno, que já havia repetido o sexto ano, em uma conversa comigo entre as trocas de períodos, ficou constatado que a auto-estima e a aproximação entre professor e aluno é responsável pela aprendizagem. Numa conversa informal o aluno diz que "nas aulas de Geografia ele consegue entender o conteúdo" e "era a primeira vez que estava gostando na disciplina". Então perguntei o porquê de não gostar. Ele respondeu que "antes as suas notas eram ruins e que não gostava de estudar Geografia, pois perguntava ao professor que respondia, mas sem a devida paciência, sempre da mesma forma, sem olhá-lo direito".

A partir deste posicionamento faço questionamento: Será que as vezes não devemos incentivar o aluno através de um elogio sobre uma resposta ou então através uma avaliação que valorize uma pequena melhora

na aprendizagem? Constatei que devemos repensar a maneira de avaliar nossos alunos e estimular através do afeto, tentando quebrar o paradigma de professor como um 'ser' superior em sala de aula.

É importante que os professores repensem constantemente suas práticas, não só metodologicamente, mas também suas práticas avaliativas. Como constata Costella (2011):

“Na maioria das vezes, as provas apresentam perguntas diretas que evidenciam e priorizam a memorização, não propõem a reflexão e são respondidas sem passar por processo de problematizações. É comum encontrarmos respostas compostas por uma única palavra, sem que ocorra uma contextualização. A avaliação faz parte do planejamento. Avaliar é um processo e não um fim, a avaliação é composta por elementos que compõem a construção do conhecimento. Uma avaliação bem elaborada é aquela que faz com que o aluno termine a prova sabendo mais sobre o assunto do que quando a começou.” (COSTELLA, 2011)

A questão da nota influencia muito na aprendizagem dos alunos e, de uma forma incorreta, estimula números referenciados pela quantidade, onde existe o 'melhor' e o 'pior', ou seja, os alunos que tiram notas baixas ficam caracterizados como os 'piores' ou 'burros', ou até mesmo como os professores gostam de falar: 'os problemáticos'. Isso prejudica a educação, pois num país como o Brasil, onde a educação enfrenta sérios problemas, escolas precárias e professores mal remunerados, os alunos, muitas vezes de classe media/baixa, filhos de pais que não possuem escolaridade, permanecem pouco tempo na escola e acabam por não finalizar o ensino fundamental e médio. É necessário repensar esta idéia de quantificar a avaliação dos alunos e até mesmo de reprová-los, pois isto condiciona o aluno a deixar a escola. Lembrando que a avaliação por nota mais quantifica que qualifica resultados dos alunos, deixando de revelar aspectos que seriam evidenciados em uma avaliação que considere o todo do aluno e sua trajetória escolar.

Ao participar do conselho de classe da Escola Leopolda Barnewitz, escutei uma fala que instiga o pensar. A diretora afirmou que a SEC (Secretaria

de Educação), pede para que as escolas evitem, ao máximo, reprovar os alunos de escolas públicas, pois isso é prejudicial não só para os jovens, mas também para o governo que necessita investir mais tempo e dinheiro neste aluno.

Entendo que a “não reprovação” seja simplesmente a solução, mas é necessário refletirmos sobre a maneira de avaliar e educar os alunos e as condições em que os alunos são aprovados. Penso que as dinâmicas como provas e/ou trabalhos escritos nem sempre são as maneiras mais adequadas de avaliarmos os alunos. Acredito que o professor precisa considerar as atitudes e habilidades dos jovens, evidenciadas no cotidiano de cada jovem como ‘humanos-aprendizes’. Os educadores precisam também educar pelo exemplo, contribuindo na construção de alunos mais críticos frente ao mundo em que vivem.

Por que não utilizarmos da própria avaliação para fazer com que o aluno permaneça na escola? O que é mais fácil, o aluno estimulado com boas notas e com alta estima abandonar a escola ou o aluno desmotivado pelas notas baixas e se enxergando como incapaz? Estamos excluindo da educação justamente àqueles que mais precisam dela.

É imprescindível realizar o papel de professor, não somente como um ‘ser’ avaliador, mas sim um como um educador de ‘humanos-aprendizes’. Entendi o que expressei nas práticas de ensino fundamental, pois certos alunos, que anteriormente eram chamados pelos outros professores de ‘repetentes’, ‘burros’ e ‘problemáticos’, nas aulas de Geografia apresentaram um crescimento significativo como alunos, pois começaram a gostar das aulas, escutando e participando, entendendo melhor os conteúdos e apresentando uma melhora nas dinâmicas avaliativas realizadas nas aulas.

A escola existe para fazer a diferença na vida dos alunos. A partir dela novas idéias, pensamentos e seres humanos se constituem. A escola não deve servir para (de)formar e sim para que o discente cresça como pessoa ‘humana’ na essência. Neste sentido volto a referenciar o aluno, mencionado anteriormente, com dificuldades em Geografia, onde evidenciei certo apreço

pelas dinâmicas propostas, apresentando bom desempenho e alterando o comportamento na medida em que começou a gostar e participar das aulas, parando para ouvir o que estava sendo discutido.

3. E agora? Sou professor? / Estágio II – Ensino Médio

Terminei o Estágio I muito contente comigo mesmo, vendo que eu tinha a capacidade de dar aulas e fazer com que eu pudesse tocar e sensibilizar alguns alunos. Sei que não consegui realizar isso na totalidade, mas será que algum professor, na atualidade, consegue?

Acredito que o mais importante seja a qualidade do como se ensina Geografia, despertando o gosto pela disciplina e aprendendo suas peculiaridades. Ou seja, ensinar Geografia com qualidade na busca do atingir o maior número de alunos possíveis.

Foi isso que tive como resultado em minhas práticas, mas será que prosseguindo minha caminhada com alunos maiores eu conseguiria desenvolver minhas aulas? Deparei-me com alunos adolescentes que muitas vezes não querem estar em sala de aula e transitam nos corredores, ou fora da escola, namorando ou fazendo outras atividades relativas à idade. Será que eu faria com que os alunos gostassem de minhas aulas?

Em função da greve na universidade tivemos dificuldades na carga horária das práticas, pois o tempo se tornou escasso, assim nos foi permitido a realização das mesmas em dupla. Comecei minhas primeiras observações na Escola Estadual Instituto Flores da Cunha, tendo como parceiro o colega Lucas Guilardi, meu “veterano” no curso de Geografia e grande amigo. No decorrer da parceria durante o semestre, o convívio possibilitou-me um aprendizado incrível, de forma diferente da que eu via e vivia no mundo escolar e acadêmico. Juntos, percebemos que deveríamos nos afastar das aulas tradicionais predominantes nas aulas, inclusive as ministradas pela professora titular das turmas como percebemos durante o período de observação.

Infelizmente, devido à greve da universidade, nossas observações foram divididas entre as duas turmas, o que diminuiu o tempo em cada turma. Neste período, percebemos em quatro horas/aulas ministradas pela professora

resumiram-se em entrega de provas, recuperação e apresentação de notas finais. No último dia, o tempo de aula foi reduzido em 20 minutos, pois os alunos que recebiam as notas eram liberados. As horas de observação serviram para vermos que as aulas de Geografia são limitadas nesta maneira tradicional de aula, restringindo o tempo e deixando de explorar o potencial da disciplina que poderia estimular a vontade e o direito de aprender criticamente a Geografia.

Isso me deixou um pouco assustado, pois teria que começar a trabalhar com os alunos de forma criativa, a fim de que eles permanecessem em sala de aula e entendessem a Geografia, superando a acomodação das aulas anteriores.

Assim, pensamos em começar as aulas, partindo do conteúdo que nos foi solicitado a ser trabalhado conforme planejamento do colégio, procurando desenvolvê-lo de forma que rompesse com o modelo tradicional. Desta maneira, propomos um filme, cientes de que se o mesmo não fosse trabalhado de forma dinâmica e com possibilidades de discussão, também se enquadraria num jeito enfadonho de aprender.

Esta atividade, muitas vezes, é vista com maus olhos por alguns alunos, pais ou até mesma pela direção, os quais acreditam que os professores simplesmente colocam o filme e não realizam nenhuma análise do próprio, ou simplesmente o veiculam para “matar tempo”. Não foi o nosso caso.

Como tínhamos que trabalhar ‘Guerra Fria’ e ‘Pós-Guerra Fria’, decidimos então, começar com a apresentação do filme alemão “Adeus Lenin”. Produzido em 2003 e dirigido por Wolfgang Becker, foi inspirado na queda do Muro de Berlim e na reunificação das duas Alemanhas, um período importante da história cultural do país.

Após vermos todo o filme em três períodos, começamos a análise geográfica do mesmo, realizada da seguinte forma:

No primeiro momento foram retiradas imagens do filme e relacionadas com temas como, as duas Alemanhas, capitalismo, socialismo, segregação, produtos nacionais e internacionais, economia, corrida armamentista entre outros. Conforme a observação das imagens os alunos faziam suas próprias análises geográficas, que eram posteriormente discutidas em grupo e relacionadas aos temas descritos.

É importante descrever as atividades desenvolvidas nestas turmas, pois foram trabalhados temas polêmicos pertinentes à Geografia indo além da ‘Guerra Fria’, explorando assuntos como Narcotráfico no México, disputas de território, entre outros.

Após trabalharmos detalhadamente a análise do filme sobre Guerra Fria e a unificação das Alemanhas, tivemos a possibilidade de levar alguns intercambistas de nacionalidades diversas, pertencentes à Argentina, à Alemanha e ao México para a sala de aula. No entanto, para manter a coerência na atividade, sugerimos temáticas relacionadas aos países dos convidados a serem discutidas com os alunos objetivando explorar as vivências dos visitantes, como sujeitos pertencentes aos lugares onde os eventos acontecem, descolando da ideia de estudar o conteúdo como simplesmente um objeto, aproximando o lugar dos intercambistas ao lugar de aprendizagem dos alunos.

Para realizar esta atividade seguimos os passos descritos a seguir:

Inicialmente dividimos os alunos da seguinte forma: dois grupos trabalharam com a temática “Muro de Berlim”, para articular com o que vínhamos trabalhando de Guerra Fria e da unificação das Alemanhas, mostrada no filme; outros dois grupos trabalharam com a temática “Guerra das Malvinas”, conflito de domínio territorial que aconteceu historicamente no final da Guerra Fria e que se estende até hoje de maneira diplomática; o tema sobre o “Narcotráfico no México”, um conflito extremamente atual, foi trabalhado pelos dois grupos restantes.

A atividade consistiu em trabalhar alguns textos retirados da internet, através do site da Equipe Brasil Escola, onde cada grupo possuía um texto respectivo à temática abordada. Os alunos tinham que ler os textos, realizar pequenos resumos, contanto sobre o que se tratava cada conflito, e elaborarem perguntas a serem aplicadas aos convidados. No entanto, estas necessitavam ter um caráter abrangente não se detendo à especificidade da temática. Foi indagado também enfoques de caráter pessoal explorando a visão dos convidados referentes às temáticas desenvolvidas.

Os três temas abordados, de aparência aleatória, se relacionam, tendo em comum as tensões sócio-políticas e conflitos territoriais. Tal proposta tem

como finalidade romper com o distanciamento dos temas com os conteúdos definidos pelo programa escolar.

Saliento que a presença dos convidados estrangeiros, na sala de aula, foi uma atividade rica e significativa, pois trabalhamos com os alunos os temas referidos, permitindo e instigando o debate com os convidados, mantendo a liberdade de expressão e respeitando os limites das respostas.

A importância deste trabalho evidencia-se em saber que os conflitos em foco também são observados pelos visitantes em seu país, ou no país onde ocorre, experienciando a opinião de alguém que está, de certa forma, inserido nos temas estudados, trazendo o cotidiano e a visão destas pessoas e articulando-os com o conteúdo em estudo.

Esta experiência foi algo marcante para mim como sujeito inserido na prática docente-discente e no movimento da aprendizagem que abarca professor e alunos. Tal significância foi percebida através de relatos expressos pelos jovens no qual afirmavam que a atividade proposta foi “a melhor aula” e a “dinâmica que mais gostaram”, pois envolveu etapas organizadas, mas flexíveis buscando a liberdade do diálogo. Tais etapas consistem em: apresentação dos convidados, perguntas feitas pelos alunos relativas aos temas trabalhados e perguntas gerais, inclusive sobre as maneiras de realizar um intercâmbio e outras curiosidades.

A atividade foi muito produtiva, pois os alunos participaram, dialogaram e indagaram sobre cada tema. Questionamentos que os estudos, em sala de aula, não poderiam abranger devido às limitações impostas pelas restrições de informações nos livros didáticos sobre cada conflito. Exemplificando as indagações surgidas nos debates e dilemas suscitados pelo grupo, saliento a ‘situação da população que povoam atualmente as Alemanhas unificadas’ e as ‘diferenças econômicas herdadas’, e até mesmo, de como é a ‘relação atual de uma pessoa da antiga Alemanha Socialista com uma da Alemanha Capitalista’. Estas questões foram focos do debate entre alunos e os convidados.

Esta dinâmica de aula proporciona satisfação ao professor que quer ser criativo, pois consegue aproximar a teoria dos livros didáticos e a visão dos convidados com o cotidiano dos alunos no espaço da sala de aula, mostrando que é possível trabalhar o conteúdo indo além dos livros, explorando temáticas que acontecem fora do papel, estabelecendo relações com o mundo e em

especial com o Brasil. Esta prática objetiva incentivar e irrigar o prazer de estudar, conhecer e entender a dinâmica do espaço geográfico e suas peculiaridades e conflitos.

Reafirmo aqui o conceito de espaço e de lugar, trabalhado na Geografia, onde Callai & Callai (2010) nos remete a confrontação dos diferentes lugares para entendermos o todo e principalmente entendermos nosso espaço vivido, e estabelecermos relações em diferentes escalas.

“O conceito de espaço é uma abstração de realidade, construído a partir da realidade em si, na compreensão do lugar concreto, de onde se extraem elementos para pensar o mundo (ao construir a nossa história e o nosso espaço). Neste caminho ao observar o lugar específico e confrontá-lo com outros lugares, tem início um processo de abstração que se assenta na relação entre o real e o aparente, visível, perceptível e o concreto pensando na elaboração da compreensão do que está sendo vivido.” (Callai & Callai, 2010, p.70)

Expresso, no desenvolvimento do texto, o êxito nas aulas atingindo o objetivo de estabelecer relações entre diferentes lugares, ao abordarmos as temáticas, pois os alunos representaram os seus cotidianos, confrontando-os com o cotidiano de outros lugares.

E quanto à questão dos ditos “conteúdos”? De certa forma, estão inseridos nas temáticas trabalhadas, na medida em que estabelecem relações com outros temas geográficos. Construir elos entre a temática e o conteúdo é importante para que os jovens desenvolvam habilidades a fim de entender melhor o espaço geográfico e seus conflitos. Para isto foi organizado algo similar a um organograma, buscando um melhor entendimento do leitor, onde fica claro o que conseguimos trabalhar dentro das temáticas abordadas:

Muro de Berlim

- Segregação
 - Social
 - ✓ Alemanha Oriental
 - ✓ Alemanha Ocidental
 - Ideológica

- ✓ Socialismo
- ✓ Capitalismo
- ✓ Igualdade / Desigualdade
- Econômica
 - ✓ Bloco Socialista / Bloco Capitalista
 - Relações de Trabalho
 - Sub-empregos
 - Empresas Nacionais e Multinacionais
- Relações com o Brasil
 - ✓ Divisões no Brasil
 - Desigualdade lado a lado
 - Privatizações de Espaços
 - Barreiras Físicas

Guerra das Malvinas

- Conflito
 - Causas/motivos
 - ✓ Interesse Político
 - ✓ Interesse Econômico (recursos naturais)
 - Historicidade
 - ✓ França
 - ✓ Inglaterra
 - ✓ Espanha
 - ✓ Argentina
 - Soluções/Outros conflitos no mundo
- Relações com o Brasil
 - ✓ Amazônia
 - Internacionalização da Amazônia
 - Transnacionais na Amazônia
 - Amazônia como fonte de recurso natural
 - ✓ Ilha de São Pedro e São Paulo
 - Pertence ao Brasil, mas poderia pertencer a algum país africano.

Narcotráfico no México

- Narcotráfico
 - Por que ocorre na fronteira dos EUA?
 - ✓ EUA como principal destino da droga
 - ✓ Forte tendência migratória na área, o que favorece a entrada de drogas.
 - Motivos/consequências
 - ✓ Desigualdade
 - ✓ Corrupção
 - ✓ Violência
 - ✓ Migração
 - ✓ Motivos
 - Busca de trabalhos mais remunerados
 - Mão-de-obra barata para os EUA
 - Subempregos
- Relações com o Brasil
 - ✓ Favelas brasileiras / Narcotráfico
 - Desigualdade
 - Corrupção
 - Violência

Saliento que as temáticas aparentemente não apresentam relações entre elas, mas ao trabalharmos tecemos importantes pontos de conexão entre si e principalmente com o cotidiano do aluno.

Enfim, esta atividade de trazer para a sala de aula a presença de experiências cotidianas das temáticas, dialogando com os convidados estrangeiros, foi incrivelmente significativa, pois trabalhamos os temas relacionando com a experiência vivida dos sujeitos, despertando a participação dos alunos referentes aos assuntos trabalhados e, conseqüentemente, contribuiu para a construção do conhecimento dos mesmos.

Entendo a Geografia como ferramenta de leitura de mundo, sendo necessário partirmos da ideia de espaço vivido, a fim de ver e entender o mundo para compreender nosso cotidiano, como faz referência Kaercher (2010):

Como o espaço, entendemos basicamente – não exclusivamente – o espaço humanizado e, no geral, urbanizado. Nossa preocupação inicial é, sobretudo com o espaço vizinho, ou seja, seu “espaço vivido” (casa, escola, bairro, cidade) sem esquecer do contexto maior país-mundo. Isso não significa necessariamente trabalhar na seqüência rígida espaço próximo/espaço distante (tipo casa, bairro, cidade, estado, país, continente), pois não raro decisões que afetam nosso espaço imediato são tomadas em outros continentes. A gradação perto-longe pode ser um ponto de partida, mas não pode virar uma camisa-de-força. (KAERCHER, 2010, p. 12)

Compreende-se, assim, a importância de trabalhar temáticas globais e realizar comparações com casos que tenham significância no cotidiano do aluno. Assim, a Geografia possibilita instrumentos de grande contribuição na leitura do espaço geográfico abarcando aspectos físicos, humanos, econômicos e políticos. Para fundamentar esta discussão é importante ressaltar a ideia de Kaercher:

Cada sociedade produz uma Geografia de acordo com os seus objetivos. Mais importante do que localizar é relacionar lugares e as cidades que ali habitam, sempre tendo em mente a globalização da sociedade mundial que cada vez mais se integra, ainda que com poderes e direitos (Estados Unidos e Etiópia se integram, mas não tem os mesmo poderes).

Se nossos alunos puderem ter na Geografia um instrumento de leitura do mundo, estaremos ajudando a construir não só uma escola como uma sociedade mais crítica e indignada contra toda e qualquer miséria humana. (KAERCHER, 2010, p. 16)

Procurei articular na prática o que o autor expressa na teoria. Assim, ao concluir as aulas, no último encontro, realizei como forma de avaliação final uma prova diferente da tradicional, onde os alunos dissertaram pequenos textos, de no mínimo 15 linhas, resumindo as temáticas abordadas durante as aulas e articulando com os assuntos inseridos nas mesmas. A proposta tinha como objetivo estimular a autonomia e a liberdade de expressão, relevando os assuntos debatidos, contudo fugindo de perguntas tradicionais e fechadas.

Os alunos foram instigados a textualizar as temáticas estudadas e debatidas nas aulas, estabelecendo a relação entre os diferentes acontecimentos e categorias, expressas abaixo, a fim de analisar o contexto histórico dos mesmos e suas repercussões no panorama mundial objetivando entender o delineamento da história e a constituição geográfica dos povos e países envolvidos. Para tanto, o aluno precisava escolher duas das temáticas apresentadas para desenvolverem a própria dissertação.

✓ Temática 1 – Muro de Berlim

Guerra Fria – Socialismo – Capitalismo – Segregação – Consequências – Território – Uma relação com o Brasil

✓ Temática 2 – Guerra das Malvinas

Conflito – Causas – Consequências – Território – Argentina/Inglaterra – Interesses – Uma relação com o Brasil

✓ Temática 3 – Narcotráfico no México

Conflito – Causas – Consequências – Território – Migração/Por que Existe? – Destino da droga – Uma relação com o Brasil

Ao revisar as avaliações me deparei com resultados muito bons. Tive a felicidade e a gratificação de corrigir as provas e ver que 90% da turma obteve notas acima da média, sendo que 50% destes tiraram nota máxima com textos bem escritos e contendo o teor do que foi trabalhado em sala de aula. Houve provas que foram mal feitas e redigidas precariamente onde os alunos comentaram coisas que não tinham nenhuma coerência com o que estudamos, mas penso que o erro faz parte do aprendizado e do ensino. Não conseguimos, em nossas aulas, atingir 100% dos jovens, como afirma Barbosa, 2012:

“Os erros não são negativos e são inerentes a condição humana. Como parte do processo de aprendizagem e de desenvolvimento do “Ser” é indicador para que se procurem novos caminhos que realmente sejam educadores de sujeitos. Na sala de aula erramos na constante busca de acertar.” (BARBOSA, 2012)

Considero importante a reflexão em torno das repostas dos alunos relevando a proposta avaliativa que tinha como foco a diversidade de assuntos e temáticas trabalhados em sala de aula. Desta forma apresento a fala de uma aluna:

“Temática 2 – Guerra das Malvinas: O conflito que ocorre entre britânicos e argentinos, onde o objetivo é ser o “dono” do território das Malvinas. Geograficamente as ilhas pertencem à Argentina, porém politicamente as ilhas pertencem à Inglaterra. Na época da ditadura na Argentina, o governo se via pressionado com os problemas sociais e econômicos, a população já estava desacreditando nos seus superiores. Portanto o governo fez um plano com a intenção de tomar posse das ilhas, mas os britânicos, que já a povoavam, tinham melhor tática e melhores armamentos, sendo assim, em 1982 a Inglaterra foi vista como vencedora. Mas esse conflito ocorre até hoje, e infelizmente não há uma solução concreta. Um dos interesses dos britânicos é a matéria prima encontrada nessa região, como a possibilidade de existência de petróleo.

Uma relação como o Brasil, é a existência de uma ilha que geograficamente poderia ser da África, mas a consideram brasileira, sem haver nenhum estímulo para habitá-la. Outro exemplo é a Amazônia, território brasileiro que os EUA querem transformar em território internacional, por haver interesses políticos e através de multinacionais outros países conseguem “aproveitar” os benefícios do nosso território” (Aluna X, Turma 214, 2012)

É necessário observar a qualidade da resposta desta menina. Contudo, nem todos os alunos conseguiram escrever uma resposta tão completa como esta, mas a Aluna X apresenta com clareza o domínio do conhecimento de quase todos os assuntos trabalhados, desde o conflito territorial, passando pelo domínio dos recursos naturais, dialogando um pouco com a história da Argentina na época do confronto, estabelecendo relações com casos brasileiros e articulando com a realidade cotidiana. Maneira que possibilitou entender os conflitos e ter uma visão aguçada dos mesmos aproximando das vivências que permeiam o cotidiano.

Quanto ao exemplo da questão da Amazônia referenciada na prova, gerou questionamentos que instigaram o pensar durante as aulas: Se viessem os estadunidenses e dissessem que Amazônia é um território internacional, onde todos os países deveriam usufruir dela, o que nós poderíamos fazer? Entrar em um conflito armado com uma das maiores potências bélicas do mundo? Penso que questionando os alunos e estabelecendo relações, a busca do entendimento e a criticidade se tornam fontes irrigadoras do ‘pensar’ e propiciam um melhor entendimento dos eventos, tanto da ‘Internacionalização da Amazônia’, quanto ao conflito pelo ‘domínio das Ilhas Malvinas’.

O desenvolvimento do conjunto de habilidades proporciona aos alunos a competência necessária a fim de analisar criticamente os temas, tornando a Geografia um instrumento de leitura do mundo e educando os alunos, como sujeitos críticos, frente aos conflitos existentes em nosso espaço geográfico.

Retorno a pergunta inicial deste capítulo e saliento a significância da atividade proposta, tanto para os alunos como para a dupla de jovens professores, na qual me incluo como sujeito que aprendeu no movimento das aulas e nos debates irrigados pelo diálogo. Utilizo as palavras de uma aluna para descrever a avaliação das aulas dadas nas práticas:

“Eu achei o método de aula do estagiário Marcel, com o auxílio do estagiário Lucas, que ensinou a outra turma, muito bom, diferente dos demais que lecionavam na turma 214. Com maior dinâmica, trabalhos e slides que remetiam mais a dissertação e a oralidade dos alunos. Inovando com os três intercâmbistas, que até então não havia sido proposto nenhuma vez na nossa turma, trazendo as experiências dos assuntos trabalhados em aula vindas de indivíduos que puderam vivenciar o possível dos acontecimentos que estavam sendo estudados, de tal modo prendendo atenção de todos os alunos da turma, que absorveram com muita facilidade a matéria que estava sendo trabalhada pelos dois professores. Não poderia dizer nada negativo por que não observei nada relevante, foram muito bem aceitos por todos alunos incondicionalmente, além de terem uma boa relação com todos, conseguiram manter a hierarquia de professor e aluno, o que dificilmente se adquire com estagiários, ou seja, nada a reclamar, foram ótimas aulas.” (Aluna Y, Turma 214, 2012)

A fala da aluna remete a importância da experiência de vivenciar as discussões diante das possibilidades dos temas estudados como 'questão chave' das aulas de Geografia, relevando a visão do aluno, o seu Espaço Vivido, o Lugar dentro da sala de aula e, mediando assim, o entendimento dos alunos.

Ressalto, como dinâmicas de trabalho, a dissertação e a oralidade dos jovens realizadas em nossas práticas e que contribuíram na aproximação entre professor - aluno, contudo sem perder a questão da hierarquia e da autoridade que demarca os limites entre discentes e docentes. Assim, caminhamos rumo ao horizonte do desconstruir a ideia do professor como ser superior, mas sem esquecer que estamos ali justamente como educadores, sem perder o sentido da categorização 'professor e aluno'.

Com isso posso falar que estou preparado para iniciar a profissão e ser professor de Geografia, embora acredito que os dilemas da educação e da escola serão enfrentados na labuta do trabalho escolar nas constantes trajetórias do aprendizado. Considero ter as ferramentas suficientes e necessárias para começar minha caminhada enquanto professor - educador. Apesar de saber que somos eternos pesquisadores e assim, temos muito a aprender como referencia Freire, 2001:

“O aprendizado do ensinante ao ensinar não se dá necessariamente através da retificação que o aprendiz lhe faça de erros cometidos. O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica à medida que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer. Alguns desses caminhos e algumas dessas veredas, que a curiosidade às vezes quase virgem dos alunos percorre, estão grávidas de sugestões, de perguntas que não foram percebidas antes pelo ensinante. Mas agora, ao ensinar, não como um burocrata da mente, mas reconstruindo os caminhos de sua curiosidade – razão por que seu corpo consciente, sensível, emocionado, se abre às adivinhações dos alunos, à sua ingenuidade e à sua criatividade – o ensinante que assim atua tem, no seu ensinar, um momento rico de seu aprender. O ensinante aprende primeiro a ensinar mas aprende a ensinar ao

ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado.”(Freire, 2001)

Vimos nesta citação de Paulo Freire que ensinar, também é ensinar a ensinar, ou até mesmo ensinar a aprender. A relação entre ensinante e aprendiz, ou professor e aluno, tem um forte vínculo para educação. A luta por uma educação de qualidade busca superar a visão, onde professor ensina e aluno aprende, numa relação que vigora o institucional. Assim, se edifica uma relação entre pessoas, seres humanos, que estão ali para educar e aprender.

Não atribuo a função do ‘educar’ ao professor e o ‘aprender’ ao aluno, pois entendo que o aluno pode sim ensinar para o professor e o professor aprender com o aluno, numa relação onde ambos ensinam e aprendem. Essa relação recíproca nega a via que anda exclusivamente para um sentido, mas tecem redes de trocas mútuas de informações e conhecimentos irrigados pelo diálogo permanente. Contudo, enfatizo o importante papel do professor-educador como um intelectual pensante e estimulador do pensar dos sujeitos envolvidos no processo de ensino - aprendizagem.

Irigar o contato entre professor e aluno contribui no sentido de cativar os alunos como estratégias possíveis do aprender, inserindo-os na busca da própria capacidade interna dos alunos na construção do conhecimento. Assim, as aulas necessitam chamar a atenção a fim de atrair o aluno para que ele desenvolva habilidades, através da participação e do engajamento e desenvolvam a competência do aprender a Geografia de uma maneira distinta da tradicional. Considero que decorar nomes de capitais ou de rios, simplesmente por decorar, não compõe habilidade de importante significado para o aluno, deixando de trabalhar a disciplina de Geografia como uma ciência que possibilita instrumentos para uma leitura crítica e consciente do mundo pelos sujeitos que fazem parte dele.

A relação ‘professor e aluno’ necessita superar o ideal do ‘professor intocável, incontestável, dono da verdade e superior’ frente aos alunos. A possibilidade do diálogo abre brechas que permitem uma disposição do ‘querer

aprender’, deixando a relação de aprendizagem mais fácil e acessível no movimento que ocorre entre ‘ensinante e aprendiz’ no espaço da escola.

4. Distinções entre a Educação Universitária (eu aluno) e a Educação Escolar (eu professor)

Ao longo dos nove semestres percorridos na graduação, é possível notar algumas fortes divisões e tendências no estudo da Geografia, como por exemplo, a Geografia Humana, a Física e a Econômica. Ainda pode-se mencionar a divisão feita no curso entre bacharelado e licenciatura, onde muitas disciplinas são realizadas em comum, porém a licenciatura possui algumas matérias a mais que são ligadas a educação e ao ensino de Geografia.

Por que remeter a esta problemática se estamos tratando do ensino da Geografia escolar?

Os graduandos em Licenciatura em Geografia sentem falta de elos entre disciplinas da educação e matérias em geral com as práticas. Isso ocorre devido ao fato da escassez de disciplinas voltadas para as práticas docentes em Geografia e respectivas inter-relações entre as disciplinas trabalhadas ao longo do curso com o ensino.

É extremamente necessário abordar este tema, não só para repensarmos a graduação, como também a maneira predominante de dar aula. Ou seja, é importante problematizar a visão fragmentada da graduação a partir da análise que considere as diferentes abordagens e enfoques, buscando superar os obstáculos que dificultam o aprendizado e fragmenta a construção do conhecimento.

Ressalto que muitos professores formados pelas instituições de ensino universitário reproduzem nas salas de aulas da escola o que aprenderam nos bancos da universidade e repassam esta estrutura para a educação de jovens. A fragmentação das ciências, na cabeça dos jovens, é predominante na visão que permeia a educação. Esta fragmentação é resultante da própria instituição de ensino e de sua estrutura que mantém modelos difíceis de romper. Transformar a Geografia em uma ciência aberta e que dialoga com as demais

áreas do conhecimento é o grande desafio dos educadores desta ciência humana.

Busco fundamentação em Costella (2011) pois ele nos remete a análise do espaço geográfico, onde há a falta de visão de um todo, numa leitura de espaço composta por totalidades textualidades, por um conjunto de relações:

Na Geografia, em particular, percebe-se frequentemente que os conteúdos são estruturados de forma ainda pouco inter-relacionados, uma tendência que dificulta uma leitura complexa do espaço geográfico. Estamos tecendo uma crítica que comporta uma história epistemológica dessa ciência, que não abordaremos agora, mas que não nos impede de repensar sobre um curso que articule de forma diferente os seus conceitos, para o geógrafo ou licenciado em Geografia sistematiza, naturalmente, as inter-relações que compõem o espaço. (COSTELLA, 2011, p.182)

A questão de realizar inter-relações é essencial, tanto no ensino universitário, quanto no ensino escolar, onde os alunos necessitam aguçar o senso crítico buscando desenvolver habilidades que estabeleçam relações entre as temáticas, encontrando sentido daquilo que é estudado nas diferentes disciplinas. Por isso a necessidade do diálogo relevando os conteúdos que os professores ensinam nas escolas.

Considerações Finais

Os estágios docentes I e II possuem muitos aspectos em comum, como os planejamentos de aulas, a convivência com os alunos e na escola, problemas com a carga horária necessária, entre outros. No entanto, a maior diferença entre os níveis do ensino básico, percebidas no estágio, é a questão da idade, onde os alunos no Ensino Fundamental são mais jovens e infantis.

A prática do sujeito docente vai muito além de ministrar aulas rigidamente programadas. Muitas vezes, além de dar aula de Geografia ou qualquer outra disciplina, o docente tem que ensinar hábitos simples tais como se comportar como aluno, prestar atenção nas orientações e falas de todos que fazem parte do grupo, ouvir o professor, e até mesmo a insistente ação cotidiana de solicitar que os alunos façam seus trabalhos.

Entendo que este 'fazer' faz parte do 'ser' professor de Ensino Fundamental, porém não foi algo fácil com o qual me senti confortável. Traduz-se em práticas com dispêndio de muita energia criativa que de conta de um número considerável de alunos. Acredito que estas dificuldades, sentidas no cotidiano escolar, pelos docentes, é um dos grandes dilemas da educação de jovens.

Já no Ensino Médio esperava encontrar adolescentes rebeldes que não queriam 'estar ali' escutando 'um professor', com quase a mesma idade deles e com a finalidade de ensinar a disciplina de Geografia. Contudo, me deparei com um grupo de jovens receptivos e, ao inverso daquilo que eu esperava, encontrei duas turmas muito queridas e com peculiaridades próprias do seu tempo. Os discente, estimulados, participavam das aulas e se entusiasmavam, porém em outros momentos, como qualquer aluno, conversavam bastante a respeito de assuntos típicos do cotidiano juvenil. Diante desta vivência, ficou claro para mim a preferência por lecionar no ensino médio. Constato que minha proximidade etária, com os alunos, ajudou na comunicação entre eu e eles. Contudo, procurei manter a autoridade necessária a um professor, sem cair no autoritarismo.

Ao finalizar os dois estágios curriculares obrigatórios do Curso de Licenciatura em Geografia, a melhor sensação é sentir a gratificação de terminar as aulas e ver que os alunos gostaram das mesmas e se esforçaram

para entender o que estava sendo trabalhado. Assim, concluo que consegui alcançar meu objetivo enquanto professor, cativando os alunos para que aprendam e entendam criticamente os conteúdos trabalhados nas aulas e que possam fazer suas leituras de mundo, construindo o próprio conhecimento. Realmente a experiência e o contato entre professor e aluno é extremamente gratificante e a relação de reciprocidade de aprendizagem é algo que deixa marcas na vidas dos sujeitos aprendentes na permanente busca da edificação do saber e, com certeza, deixou na minha como 'jovem aprendiz educador'.

Referenciando Freire (2003): “O caminho se faz caminhando” e assim, continuo minha caminhada iniciante... prosseguindo... como professor e educador...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Márcia, Silvana Silveira **Limites e possibilidades inédito-viáveis do 'ser' professor – educador na prática de Educar.** Tese de doutorado – Porto Alegre: UFRGS, 2012.

CALLAI, Helena Copetti; CALLAI, Jaeme Luiz in CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et al. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões.** 5 ed. Porto Alegre, 2010.

COSTELLA, Roselane Zordan in TONINI, Ivaine Maria et al. **O ensino da Geografia e suas composições curriculares.** 1. Ed. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

FREIRE, Paulo. **Carta de Paulo Freire aos professores.** Disponível em www.scielo.br. Acesso em: 14 de maio de 2012.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. **O Caminho se Faz Caminhando.** Petrópolis: Vozes, 2003.

KAERCHER, Nestor André. **Desafios e utopias no ensino de Geografia.** 2. Ed – Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

KAERCHER, Nestor André in CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et al. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões.** 5 ed. Porto Alegre, 2010.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino et al. **Geografia em Perspectiva.** São Paulo: Contexto, 2002.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço.** 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2012.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes. **Aula de Geografia e Algumas Crônicas.** 2ª. ed. Campina Grande: Bagagem, 2008. v. 1.